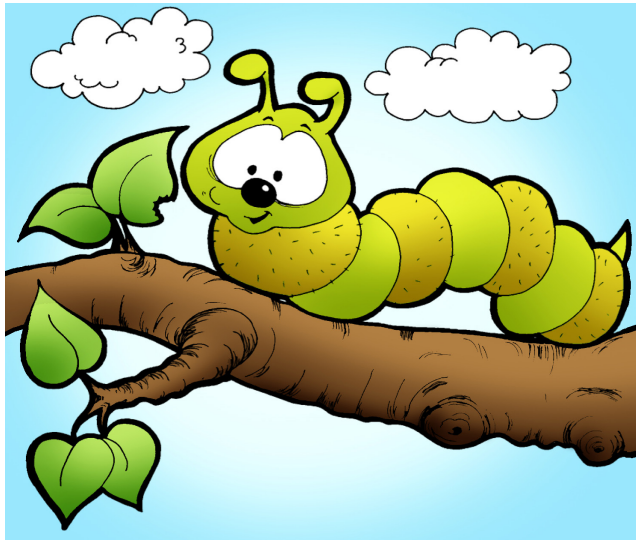


# O Rio e a Lagarta



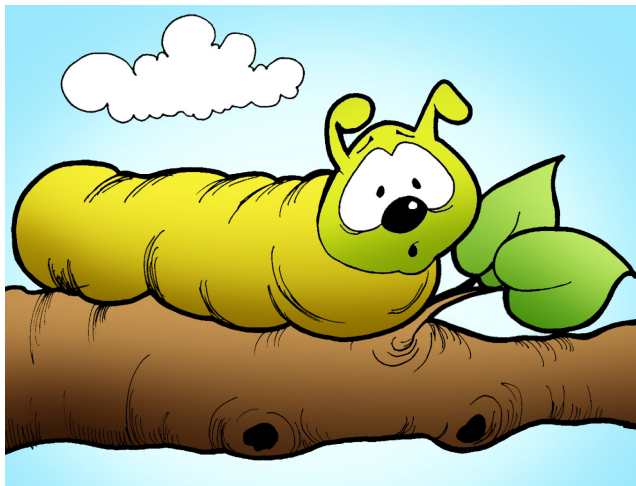
*“Oh, quem dera pudesse voar  
Lá no alto com agilidade  
Voaria igual pássaro por todo o  
lado  
Sem qualquer dificuldade.  
Mas, ai, eu sou forçada,  
A rastejar para me locomover,  
Entre os risos e o escárnio  
Dos que param para dizer:*

*Em um ramo pendurada  
Sobre um riacho reluzente,  
Uma lagarta se arrastava  
Avançando oh tão lentamente.  
Ergueu o pescoço peludo  
E teve que se maravilhar,  
Ao ver livre de qualquer  
cuidado  
Um lindo pássaro a voar.*

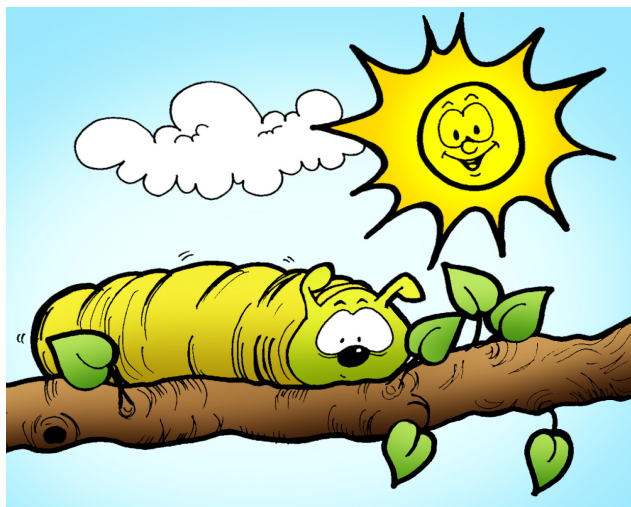


*‘Olha ali, uma lagarta peluda,  
Rastejando pelo chão,  
Ainda bem que não sou como  
ela.  
Que criatura desprezível,  
irmão.’”  
Então com sua sorte  
desencorajada,  
Ela parou para reclamar.*

Mas de repente lá de dentro,  
Fios de seda começaram a brotar.



“Oh não”, murmurou, “o que  
é isso agora?  
Mais dificuldades para eu  
enfrentar?  
Esta camada pegajosa está me  
cobrindo.  
Não consigo ir para nenhum  
lugar!”  
E foi assim que contra sua  
vontade,



Para si mesma ela teceu um  
casulo;  
E foi dormir nesse cômodo,  
Apertado e no escuro.  
O riacho suspirou e pensou:  
“Lagarta peluda, não  
desesperes  
Pois eu sei o que você vai  
virar,  
Já vi esse ciclo muitas vezes.  
Agora, olhe para mim e veja,  
O que é verdadeira tristeza,  
Porque não tem crianças

brincando em mim,  
Minha água é muito rasa.”  
Foi então que da sua margem  
Um certo castor pulou.  
Com galhos recém cortados na  
boca  
No leito do riacho depositou.  
O riacho então encheu. “O  
que é este lixo?”  
Que meu fluxo está a  
bloquear.  
Vou levar tudo embora,  
Pois preciso limpo continuar.”





O casulo da lagarta dormente.  
O riacho não parava de  
reclamar,



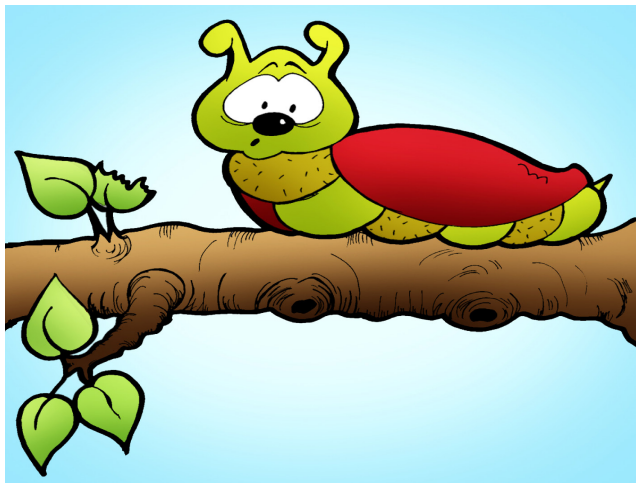
Mas logo os castores  
trouxeram mais galhos  
E os entrelaçaram firmemente  
Galhos atrás de galhos;  
Foi uma corrida diferente.  
O riacho usou toda sua força  
Para os galhos empurrar,  
Mas os castores não desistiam,  
E os galhos tiveram que ali  
ficar;  
E por fim, bem ali em cima,  
O castor colocou gentilmente  
O galho que tinha em suas  
folhas

“Meu fluxo foi  
interrompido,  
E estou ficando muito cheio  
e gordo,  
Parece que estou entupido!”  
Lá de cima o sol sorriu  
Para a barragem de madeira,  
E esquentou a lagarta  
adormecida  
Envolta em fios de seda.

Passado dias, ela acordou  
finalmente.  
E um pontinho de luz ela viu.  
Esforçando-se com todas as  
forças  
Passar pelo buraquinho conseguiu.

Oh, mas que dor para sair,  
O buraco era muito pequeno  
Mas lá fora percebeu algo  
Maravilhosamente novo!  
Pois bem ali de cada lado,  
Duas belas formas haviam crescido,  
Algo que nunca tinha visto  
antes,

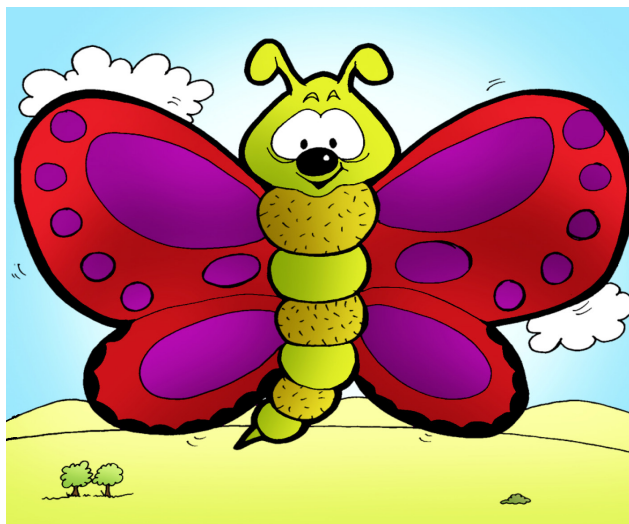




No escuro havia ocorrido.  
“O que são estas coisas?”  
perguntou-se,  
Na brisa a balançar,  
E em direção ao topo das árvores,



De repente começou a voar.  
As criaturinhas admiravam suas  
asas.  
Cada uma com várias cores brilhava.  
“Estou voando”, gritou de alegria,  
Enquanto ao seu redor  
maravilhada olhava.



E lá em baixo, o riacho,  
Agora uma piscina  
transbordante  
Na qual as crianças riam e  
brincavam,

Disse “Eu também aprendi algo  
diferente.



Que as dificuldades e problemas,  
Dos quais às vezes você reclama,  
Podem ser uma forma de Deus  
Ihe dar  
Uma vida verdadeiramente  
abençoada.”